



ARTIGOS

Conexões políticas: a associação entre polarização, identidade e orientação política*Political Connections: The Association Between Polarization, Identity, and Political Orientation**Conexiones Políticas: La Asociación entre Polarización, Identidad y Orientación Política***Thais Alves****Albuquerque¹**orcid.org/0009-0000-8542-0597talb.06@outlook.com**Gabriela de Miranda****Ribeiro¹**orcid.org/0000-0002-7167-3523gabi.mr10@hotmail.com**Luiza Maria Aristides¹**orcid.org/0000-0002-0110-0076luiza.aristides@gmail.com**Ligia Abreu Gomes****Cruz²**orcid.org/0000-0002-2843-1449ligia.abreu@ufu.br**João Gabriel Modesto³**orcid.org/0000-0001-8957-7233joao.modesto@ueg.br**Recebido em:** 09 set. 2024**Aprovado em:** 25 out. 2025**Publicado em:** 24 ago. 2026.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença [CC-BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

Resumo: No cenário político atual, a polarização vai além dos períodos eleitorais, tornando-se um fenômeno recorrente no Brasil. Atento a esse contexto, o presente estudo investiga a relação entre identidade social, orientação política e polarização afetiva em uma amostra de brasileiros. Participaram 120 pessoas, que responderam a questionários *on-line* sobre identidade social, orientação política, orientação à dominância social (SDO) e polarização. Os resultados evidenciaram correlações entre orientação política e SDO com a polarização. Sobre a identidade social, embora não tenham sido encontradas relações diretas com a polarização, foi identificado um efeito de interação com a orientação política como preditor dos índices de polarização em relação à direita. O presente estudo realça a importância de considerar a distinção conceitual entre identidade social política, orientação política e polarização, bem como as suas relações empíricas.

Palavras-chave: polarização; orientação política; pertença grupal; psicologia política.

Abstract: In the current political context, polarization extends beyond electoral periods and has become a recurring phenomenon in Brazil. This study investigates the relationship between social identity, political orientation, and affective polarization in a Brazilian sample. A total of 120 participants completed online questionnaires assessing social identity, political orientation, social dominance orientation (SDO), and polarization. The results showed correlations between political orientation and SDO with polarization. Regarding social identity, although no direct associations with polarization were found, an interaction effect with political orientation was identified, predicting polarization indices toward the right. This study emphasizes the importance of conceptually distinguishing political social identity, political orientation, and polarization, as well as examining their empirical relationships.

Keywords: polarization; political orientation; group belonging; political psychology.

Resumen: En el escenario político actual, la polarización trasciende los períodos electorales y se ha convertido en un fenómeno recurrente en Brasil. En este contexto, el presente estudio analiza la relación entre identidad social, orientación política y polarización afectiva en una muestra de brasileños. Un total de 120 participantes respondieron cuestionarios en línea sobre identidad social, orientación política, orientación a la dominancia social (SDO) y polarización. Los resultados evidenciaron correlaciones entre orientación política y SDO con la polarización. En cuanto a la identidad social, aunque no se hallaron relaciones directas con la polarización, se identificó un efecto de interacción con la orientación política como predictor de los índices de polarización hacia la derecha. Este estudio subraya la importancia de diferenciar conceptualmente identidad social política, orientación política y polarización, así como de examinar sus relaciones empíricas.

Palabras clave: polarización; orientación política; pertenencia grupal; psicología política.

¹ Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília, DF, Brasil.

² Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, DF, Brasil.

³ Universidade Estadual de Goiás (UEG), Luziânia, GO, Brasil.

A polarização política tem despertado atenção de pesquisadores em diferentes campos do conhecimento, a exemplo da psicologia. A despeito da importância do tema, é comum que conceitos de naturezas distintas sejam tratados como sinônimos. Na presente pesquisa, buscamos diferenciar identidade social política, orientação política e polarização. De forma específica, analisaremos, ainda, a relação entre os fenômenos, ao testar o impacto da identificação social e orientação política nos índices da polarização afetiva em uma amostra de brasileiros.

Identificação social política

A identidade social política envolve o entendimento de que parte de como o indivíduo se vê envolve vinculações políticas, podendo o fenômeno ser compreendido a partir da Teoria da Identidade Social (TIS) (Tajfel & Turner, 1986). Ao organizar seu espaço, o indivíduo formula um esquema classificatório, ou seja, começa a separar objetos e/ou pessoas com base em uma ou mais características comuns (Del Prette & Del Prette, 2003). Nessa perspectiva, o indivíduo também busca construir sua própria identidade social, que seria uma forma de perceber similaridades com membros de um grupo – ou seja, pessoas alinhadas a uma orientação política – ou categorias – como posicionamento político (Techio et al., 2023). Esse processo é importante, porque existe uma carga afetiva que o sentimento de pertença ao grupo pode trazer para o indivíduo (Torres et al., 2023); dessa forma, a identidade social contribui para uma autoimagem positiva.

Segundo Tajfel (1969), uma vez que as pessoas passam a avaliar a si próprias em termos de suas identidades, existe um processo de comparação social. Dependendo do contexto social, indivíduos tenderiam a diferenciar o seu grupo (endogrupo) de outros grupos (exogrupo) de maneira mais favorável.

Em um estudo sobre identidade social política, Hosken e Modesto (2022) identificaram que a atribuição de características positivas/negativas funciona como um importante demarcador identitário de diferenciação intergrupal. De forma

geral, os autores identificaram que, assim como postulado pela Teoria da Identidade Social, os participantes atribuem características positivas sobre o seu próprio grupo político (por exemplo, confiável, democrata, inteligente, entre outros) e negativas a pessoas de outros grupos políticos (como aproveitador, corrupto, desonesto etc.). Dessa maneira, há uma valorização de si por meio de um enaltecimento do seu próprio grupo e de uma desqualificação do exogrupo.

Portanto, esses processos identitários acabam favorecendo atritos e distanciamentos entre os grupos (Iyengar et al., 2012; Iyengar et al., 2019; Nunes & Traumann, 2023). Por exemplo, em um levantamento transcultural, apenas 20% dos respondentes indicaram que estariam dispostos a morar na mesma vizinhança de alguém que discorda fortemente de seu ponto de vista (Edelman, 2023).

A Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986) postula, ainda, que os indivíduos, nas suas posições e nos seus comportamentos, interpretam as informações de forma a não pôr em perigo o sistema de valores e de crenças em que eles se encontram, mesmo que isso signifique se comportar conforme o grupo, em vez de se comportarem conforme queiram, para se sentirem pertencentes (Torres et al., 2023). Assim, existiria uma tendência de proteger o sentimento referente a uma superioridade do seu próprio grupo em comparação a outros grupos (Tajfel, 1969), seja supervalorizando o seu próprio grupo ou menosprezando os demais grupos sociais. Isso acaba afetando a capacidade de um julgamento imparcial e neutro e favorecendo uma série de vieses. Por exemplo, em um estudo sobre *fake news* (Ribeiro & Modesto, 2023), os participantes tenderam a menosprezar a capacidade de membros de outros grupos políticos de identificar notícias falsas, acreditando que membros do seu próprio grupo político seriam mais eficientes nessa tarefa, de modo a favorecer uma sensação de superioridade do endogrupo.

Orientação política

É interessante notar que, a despeito de os processos identitários serem robustos no campo social político, diversas vezes não há um entendimento preciso sobre o que de fato significa ser de certo grupo político (orientação política), ao passo que existem diversas nomenclaturas distintas. Silva (2014), por exemplo, destaca que "liberal" e "socialista" são termos associados a representações dos aspectos econômicos da ação política; já "conservador" e "liberal" enfatizam valores morais da ação política, enquanto "direita" e "esquerda" seriam uma nomenclatura mais abrangente.

Inicialmente, o uso das categorias "esquerda" e "direita" para indicar preferências políticas surgiu durante a Revolução Francesa, na qual delegados identificados com os princípios de igualitarismo e reforma social se sentavam à esquerda do rei, e delegados identificados com a aristocracia e conservadorismo, à direita (Tarouco & Madeira, 2013). Segundo Bobbio (1995), a partir daí, a ideia de direita e esquerda se tornou um recipiente, no qual foram colocadas informações abrangentes; assim, deixaram de ser conceitos para se tornar palavras vulneráveis a adotar múltiplas interpretações, de acordo com cada caso.

Por outro lado, Silva (2014) ressalta que o ponto-chave para a compreensão do que é esquerda e direita é conseguir discriminar o que qualifica um movimento social de cada tipo, ou seja, qual é sua essência. Movimentos sociais podem ter como propósito, por exemplo, influenciar a formação do corpo político no governo e as suas decisões ou podem ter uma natureza econômica relacionada aos valores da sociedade. Mesmo assim, podem ser intrinsecamente políticos. São exatamente essas pautas que podem determinar a orientação do movimento social, classificando-o como direita ou esquerda.

É de se esperar, portanto, que, quando falamos em direita e esquerda, muito se questione sobre o que é ser de direita e o que é ser de esquerda. Cabrera (2020) compreende e analisa os princípios da esquerda como uma visão que reconhece as desigualdades e injustiças presen-

tes nas sociedades. Aqueles que se identificam com a esquerda enxergam o mundo como uma trajetória histórica e cultural voltada para um futuro mais igualitário, contando com as mudanças que possam ocorrer com o desenvolvimento dos indivíduos. Eles acreditam em um Estado forte, responsável pela distribuição justa e equitativa dos recursos, impedindo a perpetuação de privilégios e um mercado com alguma intervenção do Estado. Além disso, a esquerda adota políticas de preservação do meio ambiente e das espécies animais, opondo-se à exploração puramente mercantil desses recursos, e não se baseia unicamente em busca de lucro.

No que diz respeito à direita, a vida humana não se orienta apenas para o futuro, mas está fundamentada em tradições e estilos de vida do passado, que se acumularam ao longo do tempo e servem como orientação para nossas vidas atuais. O Estado não deve se tornar uma entidade excessivamente poderosa, capaz de controlar as vidas humanas de forma autoritária, mas deve se limitar a gerenciar as atividades das pessoas dentro das sociedades civis. O mercado deve ser mais livre e ter menos intervenção estatal. Além disso, a dimensão religiosa é um fator importante, que delimita um espaço sagrado, que não deve ser profanado por ações imediatas ou influenciado por ideologias seculares. Por esses e outros argumentos, os lados pensam de formas distintas e dificilmente tendem a concordar com valores em comum (Cabrera, 2020).

Nessa direção, estudos desenvolvidos no Brasil (Gloria & Modesto, 2019) têm apresentado consistentemente que pessoas de direita e esquerda são orientadas por bases morais distintas, tendo como referência a Teoria dos Fundamentos Morais (Haidt & Graham, 2007). Pessoas de esquerda priorizam fundamentos ligados ao cuidado (como não causar dano ao outro) e justiça (por exemplo, equidade e cooperação). Já pessoas de direita priorizariam um senso de pertencimento (como a um grupo, podendo se expressar por meio de fenômenos como o nacionalismo), autoridade (por exemplo, respeito a hierarquias e defesa de um *status*

quo) e pureza (usualmente, expressa por meio da religiosidade). Essas diferenças morais ajudaram, inclusive, a explicar a intenção de votos de brasileiros durante as eleições de 2018 e 2022 (Zacarias et al., 2024).

Portanto, deve-se entender que as diferenças entre orientação política se situam no campo ideológico. Segundo Medeiros (2018), as ideologias são conjuntos de convicções compartilhadas por coletivos, com o propósito de avançar seus interesses e direcionar suas ações sociais e políticas. Desse modo, as diferenças de preferências políticas entre partidos, em termos ideológicos, vêm sendo utilizadas como a essência que define a orientação política do indivíduo (Tarouco & Madeira, 2013).

O fenômeno da polarização política

Os processos identitários, associados às bases distintas que auxiliam na compreensão da orientação política, podem favorecer a compreensão dos processos de polarização política. Em um sentido geral, um contexto de polarização é caracterizado por dois extremos em confronto, levando ao desaparecimento de posições mais moderadas (Costa, 2020).

Considerando a importância do fenômeno, tem crescido um interesse para se entender a polarização política, a partir de duas dimensões: a ideológica e a afetiva. A polarização política ideológica atravessa dois enfoques analíticos. O primeiro a considera como divergência na ideologia política entre os membros da sociedade, e o segundo, como a separação ou divisão de grupos claramente definidos (Hill & Tausanovitch, 2015). Já a polarização afetiva é um fenômeno em que as diferenças políticas se transformam em emoções intensas e negativas entre grupos opostos (Fuks & Marques, 2022).

Iyengar et al. (2012) propõem uma descrição da polarização política, com base na Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986). Segundo a teoria, a identificação com um determinado grupo é capaz de gerar sentimentos positivos em relação a esse grupo e sentimentos negativos em relação a grupos diferentes e opostos.

Sousa (2019) comenta que é habitual tirar o foco da polarização ideológica e direcionar a atenção para algo mais básico: os sentimentos de afinidade e de repulsa a grupos em uma avaliação da polarização afetiva. Essa abordagem seria mais eficaz para lidar com o problema, visto que é mais simples, para o cidadão comum, expressar sentimentos do que opiniões com relação à política.

A polarização na política brasileira segue a tendência internacional, no sentido de que os indivíduos mais ativos e ligados a partidos políticos tendem a ser os mais extremistas – tanto em termos ideológicos quanto afetivos (Fuks & Marques, 2022). Costa (2023) comenta que, no Brasil, as lideranças competem com os partidos como elementos principais da polarização, e é nesse ponto em que se diferenciam da polarização americana. No cenário nacional, o Partido dos Trabalhadores (PT) é o centro dessa polaridade e desenvolve dois grupos opostos, que surgem dos sentimentos partidários favoráveis e desfavoráveis: apoiadores do PT e críticos do PT. Dessa forma, para compreender a pluralidade das forças sociais e o desenvolvimento da polarização política no Brasil, é interessante comentar o marco inicial do processo histórico recente das manifestações em nosso país, que foram as manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil.

As manifestações de junho de 2013, também conhecidas como "jornadas de junho", tiveram início com os protestos organizados pelo Movimento Passe Livre. Apesar de ter sido um movimento inicialmente apartidário (Silva, 2020), funcionou como um terremoto social, que chacoalhou a cena política brasileira, com reflexos na questão dos grupos partidários na atualidade. Entre as diversas contradições que surgiram posteriormente, houve o surgimento da chamada "nova direita", acompanhada de estratégias que visavam desvirtuar o caráter do movimento popular espontâneo que ocorreu em 2013 (Silva, 2020). Nesse cenário, a divisão de direita e esquerda no Brasil começou a tomar maiores proporções.

As tendências conservadoras teriam come-

çado a se evidenciar em 2015, durante as manifestações que apoiavam o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, culminando por volta de 2018, com o apoio a um candidato de extrema-direita, Jair Bolsonaro, nas eleições presidenciais (Perez, 2021). Nesse momento, a questão partidária começou a ser mais alimentada pelo significado popular de esquerda e direita, e essas divisões começaram a ser mais fortemente associadas a figuras políticas. Esses resultados ainda pulsam na atual realidade e promovem mudanças sobre ela. A população, que antes estava desinteressada em se envolver e contribuir com os assuntos políticos do Brasil, agora demonstrava maior engajamento e adotava posturas mais extremas em relação aos diversos grupos. Assim, desde 2013, a direita se polarizou muito mais do que a esquerda, pois, enquanto a esquerda se fortalecia, a direita se radicalizava (Chaia & Brugnago, 2014).

Os protestos daquele ano resultaram em uma intensificação da polarização, em que a população brasileira demonstrou desinteresse e desconfiança em relação à política e às suas estruturas, resultando em um profundo sentimento de ressentimento. Desse modo, esse sentimento abriu espaço para o surgimento de líderes políticos, como Bolsonaro, que adotaram discursos autoritários, oportunistas e populistas (Campos & Simões, 2023).

Assim, com a candidatura de Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018, uma parcela da população, que havia se concentrado no centro, afastou-se desse "meio" político e começou a se direcionar para as extremidades do espectro político. Assim, a identificação das pessoas com a direita reapareceu mais forte. Bolsonaro distribuiu discursos de ódio, e a população que o acompanhava fez do radicalismo conservador algo rotineiro. Por um lado, para a direita, existia o "nós", que se caracterizava como "cidadãos de bem", e o "eles", que era caracterizado pelo apoio à bandidagem, imoralidade e corrupção (Albernaz, 2019) e associado à esquerda. Seguindo esse raciocínio, os posicionamentos de Bolsonaro aumentaram os comportamentos conservadores e vieram

acompanhados de uma retórica contrária aos partidos que apoiam causas de grupos minoritários (Nicolau, 2020).

Na sequência, as eleições de 2022 vieram como uma continuidade desse cenário e como um destaque no contexto de polarização. A candidatura do presidente Lula, representante de uma oposição à direita, foi motivo de grande movimentação no país, e essa eleição presidencial foi considerada a mais polarizada das últimas décadas (Nagy, 2022). Por um lado, havia uma parcela do povo que apontava os casos de corrupção acontecidos em mandatos passados do presidente Lula como o cerne de todo o problema, e, por outro lado, uma grande parcela insatisfeita com os descasos de direitos sociais e a má administração no período do mandato do ex-presidente Bolsonaro (Campos & Simões, 2023).

Nota-se, portanto, que fatores contextuais desempenham um papel relevante na compreensão da essência, do funcionamento, da intensidade e do principal padrão da polarização (Fuks & Marques, 2022) no país. Nesse sentido, a circunstância de tais identificações serem frequentemente baseadas em relações, ou seja, originadas de comparações – por exemplo, superior *versus* inferior –, facilita a compreensão da distância entre os distintos grupos, especialmente quando eles veem seus adversários como inferiores, como acontece na polarização afetiva (Gloria & Modesto, 2023).

Visão geral do estudo

Conforme apresentado, a identificação social indica que as pessoas buscam preservar uma visão favorável de si mesmas e, por extensão, do grupo ao qual pertencem, motivadas a garantir uma identidade social positiva (Carvalho, 2019). Desse modo, endogrupos, em suas respectivas orientações políticas (como direita ou esquerda), tendem a ter esse tipo de comportamento pelas identificações uns com os outros e desenvolvem a percepção de que são grupos oponentes, muitas vezes vendo o outro como inferior (Gloria & Modesto, 2023). Esses comportamentos podem

colaborar para entendermos como ocorre o desenvolvimento da polarização política afetiva.

Diante disso, cabe questionar qual é a relação entre identificação social e orientação política no desenvolvimento da polarização afetiva no Brasil. Nessa direção, tem-se como objetivo da presente pesquisa testar o impacto da identificação social e orientação política nos índices da polarização afetiva em uma amostra de brasileiros. Foram formuladas três hipóteses: (H1) que a polarização afetiva seria mais acentuada entre as pessoas que se autocategorizam como de direita do que para as pessoas que se autocategorizam como de esquerda; (H2) que as pessoas com maiores níveis de identidade social política apresentariam maiores níveis de polarização; (H3) e que os maiores níveis de orientação à dominância social se relacionariam com maiores níveis de polarização política.

Sobre H3, a orientação à dominância social (SDO) é um importante construto para os estudos em psicologia social e política. A Teoria da Dominância Social (Pratto et al., 1994) sustenta a ideia de que existem indivíduos que demonstram um maior apoio a sistemas hierárquicos baseados em grupos; nesse sentido, as camadas superiores da sociedade são valorizadas de forma mais significativa, controlando recursos materiais e símbolos pelos quais as pessoas geralmente buscam (Vilanova et al., 2022). No nível individual, a mensuração se dá por meio da orientação à dominância social (SDO), que diferencia a criação e a manutenção de estruturas hierárquicas na sociedade, também prediz as formas de preconceito contra diversos grupos socialmente vistos como "marginalizados" e, assim, contribui para a perpetuação da superioridade econômica e social dos grupos dominantes em relação aos grupos subjugados. Adicionalmente, a SDO tende a se relacionar com posicionamentos políticos mais extremos (Vilanova et al., 2022), sendo um construto relevante a ser inserido em estudos sobre orientação, identidade e polarização política.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 120 pessoas, sendo 50% mulheres e 50% homens. Quanto à idade, os participantes variaram de 18 a 57 anos ($M = 24,64$; $DP = 7,94$). Predominantemente, 57,5% deles se consideram brancos, 28,3% pardos, 12,5% negros, e 1,7% amarelos. Em relação ao nível de escolaridade, 51,7% se encontram com Ensino Superior incompleto, 20% com Ensino Médio completo, 15% possuem pós-graduação e 13,3% possuem graduação. A renda mensal de seis (R\$ 7.920,00) salários mínimos predominou na amostra, com 30,8%. Quanto à identidade política, 45 participantes se identificaram como de esquerda, variando de extrema-esquerda (5%) à esquerda (14,1%) e centro-esquerda (18,3%); ainda, 27 participantes (22,5%) indicaram ser de centro e 48 participantes se identificaram como direita, variando de centro-direita (25,8%) à direita (9,1%) e extrema-direita (5%). O tamanho de amostra da presente pesquisa permite um poder de 0,92 para identificar tamanhos de efeitos médio ($f = 0,30$), ao nível de significância de 5%, em testes de correlação de Pearson, conforme estimativas do GPower.

Instrumentos

Medida de identidade social política

Foi utilizada a escala multidimensional de identificação (Leach et al., 2008), traduzida e adaptada para português (Ramos & Alves, 2011), para analisar a pertença política grupal. No estudo original, Leach et al. (2008) examinaram várias escalas de identificação social e desenvolveu uma medida de duas dimensões: a autodefinição, que seria a percepção do grau de semelhança entre os indivíduos do endogrupo; e o autoinvestimento, que caracteriza o investimento pessoal depositado em um grupo ao qual o indivíduo pertence.

A pesquisa inicial enfocou o fato de que a afiliação a um grupo possui interpretações dis-

tintas para diferentes pessoas. Dessa forma, é fundamental levar em conta os vínculos que as pessoas estabelecem com os demais integrantes do grupo. Essas conexões proporcionam um sentimento de pertencimento e fortalecem os laços emocionais (Cameron, 2004). Assim, a versão utilizada na presente pesquisa é composta de 14 itens, respondidos em um intervalo de 1, que seria o "discordo totalmente", a 7, "concordo totalmente", tendo apresentado um índice satisfatório de confiabilidade de 0,91 na presente coleta.

Medida de dominância social

Foi utilizada a versão reduzida da escala de orientação à dominância social (SDO) (Pratto et al., 1994), traduzida e adaptada para o contexto brasileiro (Vilanova et al., 2022). A medida tem sido usada por diferentes estudos brasileiros no âmbito da psicologia social e política (e.g. Pilati et al., 2025; Vilanova et al., 2025). Assim, a escala é composta de oito itens ("alguns grupos têm, simplesmente, mais valor do que outros"; "nenhum grupo deveria ser dominante na sociedade"; "nós não deveríamos promover a igualdade entre os grupos"), que devem ser respondidos em um intervalo de discordo totalmente (1) a concordo totalmente (7). O nível de confiabilidade dessa escala, no presente estudo, foi satisfatório: 0,83.

Medida de polarização afetiva

Assim como em outros estudos com amostras brasileiras (Gloria & Modesto, 2023; Ribeiro & Modesto, 2023), foi utilizado o termômetro de sentimentos, instrumento utilizado pela *American National Election Services* (ANES) para verificar a polarização política em relação à direita e à esquerda. Os itens eram compostos de opções de zero a dez, sendo: 0 – totalmente frio e distante; 1 – muito frio e distante; 2 – bastante frio e distante; 3 – frio e distante; 4 – pouco frio e distante; 5 – indiferente; 6 – pouco caloroso e receptivo; 7 – caloroso e receptivo; 8 – bastante caloroso e receptivo; 9 – muito caloroso e receptivo; e 10 – totalmente caloroso e receptivo. Para facilitar as interpretações, a medida foi invertida, de modo

que maiores valores indicam maiores índices de polarização em relação ao grupo avaliado.

Orientação política

Tendo como base estudos anteriores realizados no Brasil que incluíram medidas de orientação política (Gloria & Modesto, 2019; Pilati et al., 2025), foi utilizado um único item para analisar como os participantes se autocategorizavam em sua orientação política, sendo (1) extrema-esquerda e (7) extrema-direita.

Questionário sociodemográfico

Por fim, foi aplicado um questionário sociodemográfico, com itens sobre idade, nível de escolaridade, sexo, identidade racial e renda familiar.

Procedimento de coleta de dados

A pesquisa foi realizada de forma *online*, na qual os participantes respondiam em sequência: o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE), a escala de identidade social política (Leach et al., 2008), a escala de orientação de dominância social (Pratto et al., 1994), o termômetro de sentimentos e, por fim, os dados sociodemográficos (que incluíam a medida de orientação política). Todos os procedimentos éticos foram cumpridos para a realização da pesquisa, à luz da Resolução n. 510/2016 do Ministério da Saúde. A busca por participantes se deu por publicações em redes sociais, como grupos de Facebook, WhatsApp e Instagram, e teve como critério de exclusão a participação de indivíduos menores de 18 anos de idade.

Procedimento de análise de dados

Foram realizadas análises descritivas (média e desvio-padrão) e inferenciais, por meio de testes de correlação de Pearson e análises de covariância (ANCOVAs).

Resultados

Em primeiro lugar, em uma perspectiva exploratória, conduzimos testes de correlação de

Pearson entre as variáveis centrais do estudo. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Índices de correlação de Pearson

		TS-direita	TS-esquerda	Orientação política	Identidade social política
TS-direita	M = 4.99 DP = 2.99	-	-	-	
TS-esquerda	M = 4.22 DP = 3.04	-0.381*	-	-	
Orientação po- lítica	M = 3.98 DP = 1.51	-0.637*	0.560*	-	
Identidade social política	M = 4.58 DP = 1.21	-0.076	-0.021	0.104	
SDO	M = 3.28 DP = 1.37	-0.422*	0.501*	0.582*	-0.001

Legenda: TS-direita (termômetro de sentimentos quanto à direita, que indica o grau de afastamento em relação à direita); TS-esquerda (termômetro de sentimentos quanto à esquerda, indicando o grau de afastamento em relação à esquerda); orientação política (autocategorização política, sendo que maiores valores indicam autocategorização mais próxima da extrema-direita); identidade social política (avaliação da política como um elemento identitário, mensurado pela medida adaptada de Leach et al. (2008)); SDO = orientação à dominância social.

Nota: * $p < 0,001$

Conforme pode ser visualizado na Tabela 1, a orientação política e a SDO se relacionaram tanto com o grau de polarização em relação à direita como com a polarização em relação à esquerda. De maneira específica, pessoas que se autocategorizam (orientação política) mais à direita se mostraram menos polarizadas quanto à direita e mais polarizadas quanto à esquerda. Na mesma direção, maiores índices de SDO se associaram a menores índices de polarização referentes à direita e maiores índices referentes à esquerda.

Para além de uma perspectiva exploratória, buscando alcançar o objetivo da presente pesquisa de testar o impacto da identificação social e orientação política nos índices da polarização

afetiva, foi conduzida uma ANCOVA. Considerando que as hipóteses, tendo como base a literatura revisada, referem-se a uma dicotomia esquerda *versus* direita, a variável "orientação política" foi recodificada em variável *dummy* (0 = esquerda; 1 = direita, com exclusão dos participantes de centro) e inserida como fator fixo em um modelo linear geral (GLM), com o termômetro de sentimentos em relação à direita (ou seja, a medida de polarização quanto à direita) como variável dependente. As variáveis identidade social política e SDO foram inseridas como covariáveis, assim como as suas respectivas interações com a autocategorização política. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2 – Parâmetros do modelo linear geral

	SS	df	F	p	η^2p
Modelo	486.4612	5	20.4874	< 0.001	0.541
ori_pol_dummy	240.9755	1	50.7438	< 0.001	0.368
id_politica	0.2703	1	0.0569	0.812	0.001
Sdo	0.0773	1	0.0163	0.899	0.000
ori_pol_dummy * id_politica	30.0290	1	6.3234	0.014	0.068
ori_pol_dummy * sdo	17.4023	1	3.6645	0.059	0.040
Residuals	413.1517	87			
Total	899.6129	92			

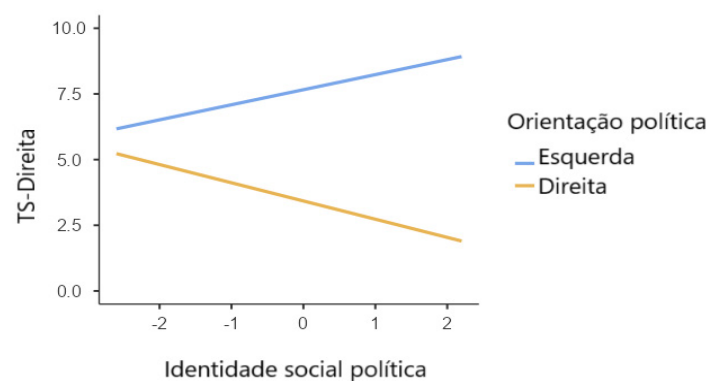
Legenda: ori_pol_dummy (autocategorização política, sendo 0 = esquerda e 1 = direita); id_politica (avaliação da política como um elemento identitário, mensurado pela medida adaptada de Leach et al. (2008)); SDO = orientação à dominância social; ori_pol_dummy * id_politica (termo de interação entre orientação política

e identidade social política); ori_pol_dummy * sdo (termo de interação entre a orientação política e SDO). Variável dependente do GLM: TS-direita (termômetro de sentimentos em relação à direita, indicando o grau de afastamento quanto à direita).

De forma geral, verifica-se que se autocategorizar como de direita (orientação política) reduz os índices de polarização política em relação à direita ($= -1,35$, $p < 0,001$), mesmo com a presença das covariáveis. De forma adicional, chama

atenção o efeito de interação entre identidade social política e orientação política nos índices de polarização em relação à direita, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Interação entre orientação política e identidade social política nos índices de polarização em relação à direita



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a Figura 1, pessoas de orientação política de direita tendem a se sentir menos polarizadas, em relação à direita, com o incremento da sua identificação social política. Por outro lado, pessoas de esquerda tendem a incrementar os índices de polarização, em

relação à direita, em função do aumento de sua identidade social política.

O mesmo padrão analítico foi realizado, tendo como variável dependente o termômetro de sentimentos quanto à esquerda. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 3.

Tabela 3 – Parâmetros do modelo linear geral

	SS	df	F	p	η^2p
Modelo	393.973	5	14.5966	< 0.001	0.456
ori_pol_dummy	150.215	1	27.8271	< 0.001	0.242
id_politica	0.953	1	0.1765	0.675	0.002
Sdo	13.072	1	2.4215	0.123	0.027
ori_pol_dummy * id_politica	10.693	1	1.9809	0.163	0.022
ori_pol_dummy * sdo	0.304	1	0.0563	0.813	0.001
Residuals	469.640	87			
Total	863.613	92			

Legenda: ori_pol_dummy (autocategorização política, sendo 0 = esquerda e 1 = direita); id_politica (avaliação da política como um elemento identitário, avaliado pela medida adaptada de Leach et al. (2008)); SDO = orientação à dominância social; ori_pol_dummy * id_politica (termo de interação entre orientação política e identidade social política); ori_pol_dummy * sdo (termo de interação entre a orientação política e SDO). Variável dependente do GLM: TS-esquerda (termômetro de sentimentos em relação à esquerda, indica o grau de afastamento quanto à esquerda).

Conforme visualizado na Tabela 3, a orientação política é um preditor significativo da polarização em relação à esquerda, tendo em vista que ser de direita incrementa os índices de polarização relativos a pessoas de esquerda ($\beta = 1,09$, $p < 0,001$). Nesse caso, o termo de interação entre identidade política e orientação política não foi significativo.

Discussão

A presente pesquisa teve como objetivo testar o impacto da identificação social e orientação política nos índices da polarização afetiva. Com relação à primeira hipótese (H1), postulou-se que a polarização afetiva seria mais acentuada entre as pessoas que se autocategorizam como de direita do que entre as pessoas que se autocategorizam como de esquerda, o que foi corroborado. Quando se avaliou a polarização em relação à esquerda (mais típica para pessoas de direita), o efeito independeu da identidade social política (Tabela 3). Ou seja, o simples fato de se autocategorizar como de direita já foi suficiente para a identificação do efeito, indicando graus mais severos de polarização nesse grupo, independentemente dos níveis de identidade social política.

Estudos realizados anteriormente (Chaia & Brugnago, 2014; Gloria & Modesto, 2023) destacam que, a partir das jornadas de junho e das seguintes eleições de 2014, o extremismo conservador da direita incorporou discursos de ódio direcionados àqueles que se distanciavam minimamente das ideias que eles defendiam. Por isso, mesmo que ambos os lados (direita e esquerda) tenham grupos que engajaram mais e se fortaleceram em relação à política, as forças não tiveram a mesma intensidade no ponto de radicalização, sendo a polarização um fenômeno assimétrico (Benkler et al., 2018; Fuks & Marques, 2022; Miguel, 2019; Soares, 2020). Desse modo, os acontecimentos das jornadas de junho (Silva, 2020), a reativação da direita no Brasil (Chaia & Brugnago, 2014) e a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro (Albernaz, 2019) ajudam a compreender esses maiores níveis de polarização para

participantes de direita na presente pesquisa.

Quanto à segunda hipótese (H2), foi postulado que pessoas com maiores níveis de identidade social política apresentariam maiores níveis de polarização, tendo a hipótese sido corroborada parcialmente. Ainda que não tenham sido encontrados efeitos diretos da identidade social política por meio de testes de correlação (Tabela 1) e das ANCOVAs (Tabelas 2 e 3), foi identificada uma interação entre o construto e a orientação política, quando analisada a polarização relativa à direita. Nesse caso, verificou-se que a identidade social política incrementou os índices de polarização em relação à direita para pessoas de esquerda (Figura 1). Esse dado realça a importância da teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1986) para compreender a polarização, ao passo que evidencia como processos identitários auxiliam na compreensão da polarização política (Hosken & Modesto, 2022).

É importante salientar que nem todos os grupos compartilham a mesma capacidade de identificação (Berlato, 2009), o que ajuda a entender o efeito direcionado apenas a um grupo político na presente pesquisa. Porém, novas pesquisas podem analisar, qualitativamente, esse processo de construção da identidade social política, de forma que possamos melhor compreender por que o termo de interação foi significativo apenas quando avaliada a polarização em relação à direita, mas não à esquerda. Acreditamos, assim como mencionado sobre a H1, que isso pode ser um indicativo de graus mais severos de polarização para pessoas autocategorizadas como de direita, afinal, independentemente da importância do grupo para sua identidade, a simples autocategorização já promove um efeito mais robusto. De todo modo, isso precisa ser melhor investigado em estudos futuros.

Por fim, no que diz respeito à última hipótese (H3), foi hipotetizado que maiores níveis de orientação à dominância social se relacionariam com maiores níveis de polarização política. Essa hipótese foi confirmada, afinal maiores índices de SDO se associaram a uma maior polarização em relação à esquerda e menor polarização em

relação à direita (Tabela 1). De forma adicional, pessoas com uma identidade social política mais à direita também apresentaram maiores índices de SDO (Tabela 1).

Assim, de modo geral, entende-se que indivíduos de direita tendem a sustentar a ideia de sistemas hierárquicos entre grupos, prezando pela manutenção de estruturas hierárquicas na sociedade, e a manifestar tipos de preconceitos relativos a grupos minoritários (Vilanova et al., 2022). De certo, isso se dá pelos ideais já bem estabelecidos que movem o espectro político da direita, como a tendência à segregação e hierarquização, mas também o foco no individualismo, a priorização da propriedade privada, a valorização da ordem e da tradição, o elogio do heroísmo, a resistência à diversidade étnica, cultural e sexual, o crescimento econômico, em detrimento da preservação ambiental, e a constante identificação com as classes mais altas da sociedade (Bobbio, 1995).

A despeito dos achados, a pesquisa possui limitações. Apesar de haver um equilíbrio na distribuição dos participantes no que diz respeito aos diferentes posicionamentos políticos (variando da extrema-esquerda à extrema-direita), a amostra foi composta, majoritariamente, de jovens recrutados em redes sociais, o que exige cautela nas generalizações dos resultados. Apesar dessa limitação, a presente pesquisa contribui para o campo da psicologia social e política ao evidenciar dimensões psicossociais da polarização afetiva, ainda pouco exploradas na literatura brasileira. Esse enfoque é relevante, porque, embora existam estudos sobre a polarização política no país, a investigação dos seus aspectos emocionais e afetivos ainda é pouco explorada.

Destaca-se, de maneira específica, que evidenciamos que uma série de termos utilizados em estudos da área como sinônimos ("orientação política", "identidade política" e "polarização política") possui características e efeitos distintos. Defendemos, então, que a orientação política deve ser entendida como uma autocategorização realizada a partir de componentes ideológicos,

enquanto a identidade envolve um sentimento de pertença social e a polarização deve ser entendida como um processo de afastamento em relação ao grupo político distinto. Além desse refinamento conceitual, apresentamos evidências de que, em alguns casos, a orientação política pode se associar à identidade política para a explicação da polarização (Figura 1), enquanto, em outros, a autocategorização política independe da identidade para o entendimento da polarização (Tabela 3). Esses achados contribuem para um refinamento do uso dos construtos no campo dos estudos sobre polarização.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras ampliem a análise dessas questões, especialmente em períodos eleitorais, quando o engajamento político e as emoções associadas tendem a estar mais acentuados. Além disso, recomenda-se considerar o contexto recente de acirramento da polarização no Brasil, marcado por episódios de violência política, ataques às instituições democráticas, disseminação de desinformação em redes sociais e intensificação de discursos de ódio (Rennó, 2020; Silva & Oliveira, 2024). A inclusão dessas dimensões pode oferecer maior compreensão da polarização.

Referências

- Albernaz, V. (2019). Análise das características do discurso populista de Jair Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018. *Political Observer: Revista Portuguesa de Ciência Política (Portuguese Journal of Political Science)*, (12), 131-146. <https://doi.org/10.33167/2184-2078.rpcp2019.12/pp.131-146>
- Benkler, Y., Faris, R., & Roberts, H. (2018). *Network propaganda: Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics*. Oxford University Press.
- Berlatto, O. (2009). A construção da identidade social. *Revista do Curso de Direito da FSG*, (5), 141-151. <https://ojs.fsg.edu.br/index.php/direito/article/view/242>
- Bobbio, N. (1995). *Direita e esquerda: Razões e significados de uma distinção política*. Editora Unesp.
- Cabrera, J. (2020). A filosofia no fogo cruzado de direita e esquerda. *Argumentos – Revista de Filosofia*, 25, 57-81. <https://doi.org/10.36517/argumentos.25.3>
- Cameron, J. E. (2004). A three-factor model of social identity. *Self and Identity*, 3(3), 239-262. <https://doi.org/10.1080/1357650044000047>

Campos, J. V. R., & Simões, M. C. D. (2023). A dimensão subjetiva do período pré-eleitoral de 2022: Um estudo a partir da psicologia sócio-histórica. *Revista de Psicologia*, 14(1), 1-18. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8800766>

Carvalho, R. A. M. (2019). *Quem fala e o que diz: O impacto da imagem do endogrupo na identificação social dos seus membros* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/124000>

Chaia, V. L. M., & Brugnago, F. (2014). A nova polarização política nas eleições de 2014: Radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política*, 7(21), 99-129. <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032>

Costa, A. B. S. R. (2020). *Origem, causas e consequências da polarização política* [Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da Universidade de Brasília. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/37008>

Costa, A. B. S. R. (2023). Polarização política dinâmica: Evidências do Brasil. *Opinião Pública*, 29, 42-68. <https://doi.org/10.1590/1807-0191202329142>

Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2003). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo*. Vozes.

Edelman. (2023). *2023 Edelman Trust Barometer global report*. <https://www.edelman.com/sites/g/files/aattuss191/files/2023-03/2023%20Edelman%20Trust%20Barometer%20Global%20Report%20FINAL.pdf>

Gloria, M., Filho, & Modesto, J. G. N. (2019). Morality, activism and radicalism in the Brazilian Left and the Brazilian Right. *Trends in Psychology*, 27(3), 763-777. <https://doi.org/10.9788/TP2019.3-12>

Gloria, M., Filho, & Modesto, J. G. N. (2023). Polarização política afetiva e bem-estar subjetivo no contexto político brasileiro. *Psico*, 54(1), e39825. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2023.1.39825>

Fuks, M., & Marques, P. H. (2022). Polarização e contexto: Medindo e explicando a polarização política no Brasil. *Opinião Pública*, 28(3), 560-593. <https://doi.org/10.1590/1807-01912022283560>

Haidt, J., & Graham, J. (2007). When morality opposes justice: Conservatives have moral intuitions that liberals may not recognize. *Social Justice Research*, 20(1), 98-116. <https://doi.org/10.1007/s11211-007-0034-z>

Hill, S. J., & Tausanovitch, C. (2015). A disconnect in representation? Comparison of trends in congressional and public polarization. *The Journal of Politics*, 77(4), 1058-1075. <https://doi.org/10.1086/682398>

Hosken, N. D. N. T., & Modesto, J. G. (2022). Atribuição de estereótipos a pessoas de esquerda e direita na política brasileira. *Revista de Psicologia da IMED*, 14(2), 53-69. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i2.4699>

Iyengar, S., Sood, G., & Lelkes, Y. (2012). Affect, not ideology: A social identity perspective on polarization. *Public Opinion Quarterly*, 76(3), 405-431. <https://doi.org/10.1093/poq/nfs038>

Iyengar, S., Lelkes, Y., Levendusky, M., Malhotra, N., & Westwood, S. J. (2019). The origins and consequences of affective polarization in the United States. *Annual Review of Political Science*, 22(1), 129-146. <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-051117-073034>

Leach, C. W., van Zomeren, M., Zebel, S., Vliek, M. L. W., Pennekamp, S. F., Doosje, B., Ouwerkerk, J. W., & Spears, R. (2008). Group-level self-definition and self-investment: A hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(1), 144-165. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.95.1.144>

Medeiros, P. M. (2018). Influência da ideologia partidária na formalização de orçamentos participativos no Brasil [Tese de doutorado, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa]. *Repositório do Instituto Universitário de Lisboa*. <http://hdl.handle.net/10071/17182>

Miguel, L. F. (2019). Jornalismo, polarização política e a querela das fake news. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(2), 46-64. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p46>

Nagy, A. (2022). Geografia das eleições de 2022: O Brasil cortado em quatro. *Confin*, 57. <https://doi.org/10.4000/confin.49477>

Nicolau, J. (2020). *O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. Zahar.

Nunes, F., & Traumann, T. (2023). *Biografia do abismo*. Harlequin.

Perez, O. C. (2021). Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013. *Revista Izquierdas*, 50, 1-16. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8135314>

Pilati, R., Modesto, J. G., Porto, J. B., & Resende, M. M. (2025). The impact of political ideology on corruption in a highly polarized context. *Current Psychology*, 44, 14888-14898. <https://doi.org/10.1007/s12144-025-08249-1>

Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741-763. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>

Ramos, M. R., & Alves, H. (2011). Adaptação de uma escala multidimensional de identificação para português. *Psicologia*, 25(2), 23-38. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v25i2.286>

Rennó, L. R. (2020). The Bolsonaro voter: Issue positions and vote choice in the 2018 Brazilian presidential elections. *University Center for International Studies*, University of Pittsburgh. <https://www.ucis.pitt.edu/clas/sites/default/files/Renno%202020.pdf>

Ribeiro, G. de M., & Modesto, J. G. (2023). O efeito da polarização política na crença em notícias falsas. *Interação em Psicologia*, 27(2), 202-209. <https://doi.org/10.5380/riep.v27i2.87080>

Silva, G. J. (2014). Conceituações teóricas: Esquerda e direita. *Humanidades em Diálogo*, 6, 149-162. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2014.106265>

Silva, M. P. (2020). *As jornadas de junho* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Taubaté]. Repositório Institucional da UNITAU. <http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/5304>

Silva, G. S., & Oliveira, D. L. (2024). Desinformação como estratégia eleitoral: Como inocular os eleitores contra os atalhos morais. *Revista Ação Midiática: Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, 27(1), 45-63. <https://doi.org/10.5380/am.v3i1.101430>

Soares, F. B. (2020). *Polarização, fragmentação, desinformação e intolerância: Dinâmicas problemáticas para a esfera pública nas discussões políticas no Twitter* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Lume – Repositório Digital da UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217461>

Sousa, M. M. S. de. (2019). *O que você sente sobre política? A influência da percepção de ameaça sobre a polarização afetiva no eleitorado* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório Institucional da UFPE.1

Tajfel, L. H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25, 79-97. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1969.tb00620.x>

Tajfel, L. H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (pp. 7-84). Nelson-Hall.

Tarouco, G. da S., & Madeira, R. M. (2013). Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, 21, 149-165. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782013000100011>

Techio, E. M., Gondim, S. M. G., Batista, J. S., & Hessel, B. (2023). Emoções. In A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, E. M. Techio, & L. Camino (Eds.), *Psicologia social: temas e teorias* (Cap. 5). Blucher.

Torres, A. R. R., Camino, L., & Silva, K. C. (2023). Grupo social, relações intergrupais e identidade social. In A. R. R. Torres, M. E. O. Lima, E. M. Techio, & L. Camino (Eds.), *Psicologia social: Temas e teorias* (Cap. 10). Blucher.

Vilanova, F., Almeida-Segundo, D. S. de, Duarte, M. de Q., & Costa, Á. B. (2022). Evidências de validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Psico-USF*, 27(3), 437-449. <https://doi.org/10.1590/1413-82712024270303>

Vilanova, F., Almeida-Segundo, D. S., Milfont, T. L., & Costa, A. B. (2025). Further testing a dual process social psychological model of corrupt intention and attitudes toward corrupt people. *Current Psychology*, 44, 8933-8947. <https://doi.org/10.1007/s12144-025-07822-y>

Zacarias, D. O., Almeida, R. D. A., & Modesto, J. G. (2024). A teoria dos fundamentos morais e as eleições presidenciais brasileiras em 2018 e 2022. *Quaderns de Psicologia*, 26(1), e1995. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1995>

Thaís Alves Albuquerque

Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília/DF, Brasil.

Gabriela de Miranda Ribeiro

Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília/DF, Brasil.

Luiza Maria Aristides

Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília/DF, Brasil.

Ligia Abreu Gomes Cruz

Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB); professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia/MG, Brasil.

João Gabriel Modesto

Doutor em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB); professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Luziânia/GO, Brasil.

Endereço para correspondência

Thaís Alves Albuquerque

Gabriela de Miranda Ribeiro

Luiza Maria Aristides

Campus do Centro Universitário de Brasília (CEUB)

Faculdade de Ciências da Educação

SEPN 707/909, 70790-075

Brasília/DF, Brasil

Ligia Abreu Gomes Cruz

Universidade Federal de Uberlândia

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Santa Mônica, 38408-100

Uberlândia - MG, Brasil

João Gabriel Modesto

Universidade Estadual de Goiás

Rodovia BR-153, Quadra Área, Km 98/99, s/n, Zona Rural

CEP 75132-400

Anápolis, GO, Brasil

Como citar este artigo

Albuquerque, T. A., Ribeiro, G. M., Aristides, L. M., Cruz, L. A. G., & Modesto, J. G. (2026). Conexões políticas: A associação entre polarização, identidade e orientação política. *Psico*, 57(1), e46831. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2026.1.46831>

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.